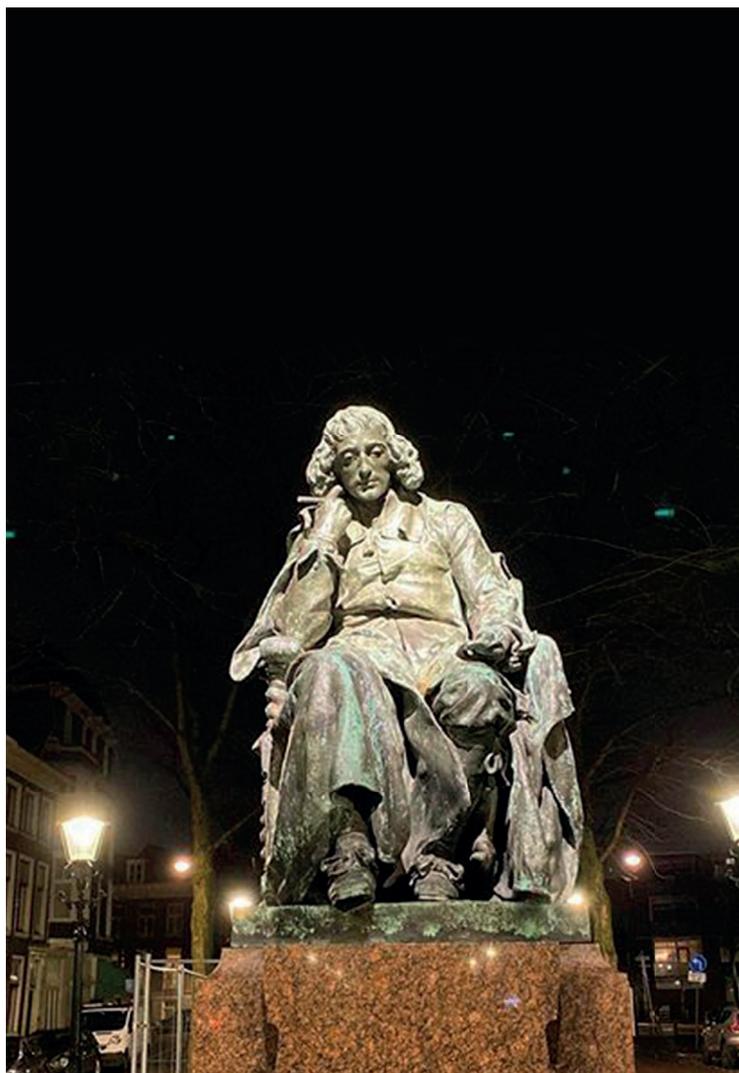
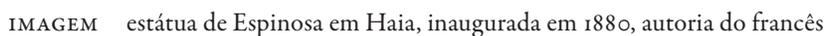


Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 49 jul-dez 2023 ISSN 1413-6651

IMAGEM  estátua de Espinosa em Haia, inaugurada em 1880, autoria do francês Frédéric Hexamer (1847-1924). A estátua está localizada ao lado da casa em que o filósofo residiu durante os últimos sete anos da sua vida, onde completou o texto da *Ética* e recebeu a visita de Leibniz.

COMPARANDO OS INCOMPARÁVEIS: RESENHA DO LIVRO
INFINI ET DISPROPORTION CHEZ PASCAL,
DE JOÃO CORTESE

Luís César Guimarães Oliva¹
Professor, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil
lcoliva@uol.com.br

1 Pesquisador principal do projeto temático FAPESP 2018/19880-4.

É sempre gratificante ver uma tese acadêmica ganhar a forma de livro, confirmando o sucesso atestado pela banca de conclusão. Quando esse trabalho alcança a publicação no exterior, a alegria é ainda maior, pois percebemos que o interesse da pesquisa realizada transcende os debates locais e tem condições de participar de um campo bem mais amplo de discussão. É isso que podemos ver em *Infini et disproportion chez Pascal*, de João Cortese, publicado na França pela editora Honoré Champion.

A filosofia do século XVII é conhecida pela valorização da certeza e dos métodos matemáticos, ainda que os diversos autores divirjam sobre o tipo e o alcance desta presença. Blaise Pascal, notório filósofo, matemático e físico francês, é um dos autores seiscentistas em que este entrecruzamento se faz mais presente. Poucos intérpretes, no entanto, são capazes de circular com a mesma desenvoltura nos domínios matemático e filosófico, coisa que Cortese faz com perfeição. Seu livro, recém lançado na França, explora a complexa e diversificada obra do filósofo seiscentista a partir de uma questão aparentemente paradoxal: a comparabilidade dos incomparáveis, expressão pela qual se deve compreender a aproximação de objetos que parecem inconciliáveis.

Na primeira parte do livro, encontramos este tipo de comparação nos *Pensamentos*, principal obra filosófica de Pascal, por meio da noção (igualmente surpreendente) de analogia de desproporção, isto é, uma maneira de obter alguma compreensão de um objeto que nos é inacessível por meio da percepção de que o grau de desproporção que ele tem com um outro é similar à desproporção que um terceiro objeto tem com um quarto. Por conseguinte, a incompreensibilidade de alguns objetos não nos incapacita totalmente a entender algo sobre eles e, o que é ainda mais importante, a percepção desta similaridade nos permite compreender nossa situação em relação a esses incompreensíveis.

A segunda parte do livro explora o tema nos textos matemáticos de Pascal, tarefa inédita nos estudos pascalianos no Brasil e raramente empreendida com um tal grau de profundidade na bibliografia internacional. Mais do que procurar nos opúsculos matemáticos semelhanças pontuais com os

Pensamentos, Cortese busca examinar a fundo a própria prática matemática de Pascal, analisando e reconstruindo seus principais argumentos (quando necessário, recorrendo à notação moderna) com o intuito de mostrar como as reflexões sobre o infinito permitem comparar o que nos parecia incomparável. Para além da questão específica do livro, o autor tem sucesso em explicitar a significação dos principais conceitos matemáticos pascalianos e o papel que eles podem ter no contexto apologético. Ao fazê-lo, Cortese explora a articulação entre matemática e filosofia com uma maestria raramente vista na tradição de comentário.

Finalmente, a terceira parte do livro faz uma densa discussão sobre a ideia de encontro dos infinitos em Pascal, o que conduz Cortese a enfrentar o clássico tema do infinitamente grande e do infinitamente pequeno. Passando pela geometria projetiva e também por textos de ressonâncias mais teológicas, o autor explora distinções que nos permitem compreender melhor a natureza do infinito em cada um dos contextos da obra pascaliana em que ele aparece: quando se pode falar de infinito absoluto ou relativo, atual ou potencial, etc. O livro termina, como frequentemente é o caso nos estudos sobre Pascal, com a figura de Jesus Cristo, na qual se unem o finito e o infinito. A caridade, portanto, nos oferece uma outra dimensão da questão central, dimensão na qual a comparação dos incomparáveis dá lugar à conciliação dos extremos.

Ousado e ao mesmo tempo extremamente fiel à letra de Pascal, o trabalho de João Cortese é uma contribuição inestimável para os especialistas no pensamento do século XVII e para todos os interessados nas relações entre matemática e filosofia.